

Vladimir, O Pintor de Nuvens¹

Rainer Maria Rilke

traduzido por Filipe Kegles Kepler

Uma vez mais, eles estão completamente acabados, são supérfluos, renegados, ludibriados em todos os sentidos. Cada um começa consigo e segue, assim, desprezando para cima e para baixo.

A partir deste sentimento, fala o barão: “Não se pode mais vir a este café. Nenhum jornal, nenhum atendimento, nada”.

Os outros dois estão absolutamente de acordo.

Assim, continua-se sentado em torno da pequena mesa de mármore, que não sabe o que esses três homens querem dela. Eles querem silêncio, simplesmente silêncio. O poeta expressa-o de maneira igualmente clara quanto onomatopéica.

“Bobagem”, diz ele, após uma meia hora.

E, novamente, os outros se mostram da mesma opinião.

Continua-se a esperar, sabe-se lá Deus pelo quê.

Começa a balançar uma perna do pintor. Absorto, ele a contempla por um tempo. Por fim, compreende o movimento e começa devagar e com sentimento:

“Apatia, apatia,

Tu, meu divertimento...”

Porém, já está mais do que na hora de partir. Um atrás do outro, eles se vão, e com o colarinho levantado, pois o tempo também está assim. Dá vontade de uivar.

O que fazer? Só resta uma coisa: entre as cinco e as seis, ir à casa de Vladimir Lubóvski para um crepúsculo. Claro. Avante, portanto: Rua Park, 17. Ateliê.

*

Só se chega a Vladimir Lubóvski através de suas obras. É que ele fuma todos os seus quadros. Todo o ateliê está repleto do fumo fantástico. Podes-te dar por feliz quando consegues encontrar, no meio dessa névoa primordial, o caminho mais curto até a cama velha e gasta na qual – entra dia, sai dia – Vladimir vive.

E hoje também, como era de se esperar. Ele não se levanta e aguarda, tranquilamente, os três “ludibriados”. Estes se sentam ao seu redor, cada um conforme seu estilo e sua preferência. Eles encontraram, em algum lugar, cigarros e uma *chartreuse* verde. Sem mais delongas, eles se servem, com a expressão de pessoas que se sacrificam incessantemente. Os cigarros são até finos: por Deus, o que não se faz por amor a esta vida miserável.

O poeta se recosta: “Ou não será, então, uma obra mal-feita, a vida, algo para diletantes... não?”

Vladimir Lubóvski não responde.

Os outros não se importam em esperar; é tão estranhamente agradável nesta escuridão perfumada. Não se tem de fazer nada senão permanecer quieto. Eis que

Aluno do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS. UFRGS, Instituto de Letras, Setor de Alemão, Avenida Bento Gonçalves, 9500, Cep: 91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil. Tel: 55 51 3308-6696; Fax: 55 51 3308 7303. E-mail: filipe.kepler@gmail.com

repentinamente algo irrompe e começa a embalar...

“Como você faz isso, Lubóvski? Na sua casa, não cheira a aguarrás...”, diz, casualmente, o pintor; e o barão completa:

“Ao contrário. Você tem flores em algum lugar por aqui?”

Silêncio. Vladímir permanece bem atrás de suas nuvens.

Mas os três são pacientes. Eles têm tempo e *chartreuse*. Eles já sabem como é: aguardar, logo vem.

E eis que vem: fumaça, fumaça, fumaça e, então, palavras amáveis e vagarosas, as quais correm o mundo e admiram as coisas de longe. As nuvens as elevam. Inúmeras ascensões secretas.

Por exemplo:

Fumaça. “Isto resulta em: as pessoas sempre desviam seus olhares de Deus. Buscam-no na luz, que se torna cada vez mais fria e nítida, em cima”. Fumaça. “E Deus aguarda em outro lugar – aguarda –, na base de tudo. No fundo. Onde estão as raízes. Onde é quente e escuro”. Fumaça.

E o poeta começa a andar para cima e para baixo, de repente.

Os três pensam em Deus, que mora em algum lugar atrás das coisas, sabe-se lá onde.

E depois:

“Ter... medo?” Fumaça. “Para quê?”. Fumaça.

“Está-se sempre acima dEle. Como um fruto, sob o qual alguém segura uma bela casca. Dourada, luzindo na folhagem. E, quando o fruto está maduro, ele se desprende...”

Então, o pintor cortou a fumaça, assim, com um movimento impetuoso: “Senhorrrr Deus”, diz ele e encontra sobre a cama um homem pequeno e pálido, que possui olhos grandes e estranhos. Olhos de eterna tristeza por trás de todo brilho, tão feminilmente alegre. E mãos muito frias.

E o pintor permanece desajeitado diante daquilo. Ele já não sabe mais o que queria.

É bom que o barão entra em cena: “Você tem de pintar isso, Lubóvski”. *O quê* exatamente, o barão não o sabe. De qualquer forma, ele repete: “Sério, Lubóvski”. E isto soa um pouco altivo, sem que ele o quisesse.

Neste ínterim, Vladímir percorreu um longo caminho: do estarecimento, passando por uma sombria admiração. Por fim, ele chega ao sorriso e sonha baixinho: “Ah, sim, amanhã”. Fumaça.

*

Eis que os três não têm mais espaço no ateliê. Um esbarra no outro. Todos se vão: “Até mais ver, Lubóvski.”

Já na próxima esquina, apertam as mãos com desnecessária intensidade. Eles têm pressa de desvencilhar-se uns dos outros.

Afastam-se.

Um pequeno e aconchegante café. Ninguém dentro, lâmpadas zunindo. O poeta começou, então, a escrever versos sobre um envelope de uma carta que recebera. E o escrito torna-se mais e mais rápido, cada vez menor; pois ele sente: vêm muitos, muitos.

Depois, cinco lances de escada, no ateliê do pintor, há preparativos para amanhã. Com uma canção, ele assoprou a poeira do cavalete, a antiga poeira. Surge ali uma nova tela, qual uma fronte nua. Dá vontade de coroá-la com grinaldas.

Apenas o barão ainda está a caminho. “Dez e meia, Teatro Olympia, porta lateral!”, confiou ele a um cocheiro e continuou seguindo calmamente. Tem-se ainda muito tempo para repousar e fazer a toaleta. Ninguém pensa em Vladímír Lubóvski.

*

Vladímír chaveou sua porta e esperou até que escurecesse completamente. Então, ele se senta, pequeno, à beira da cama e chora na concha de suas mãos alvas e gélidas. Ela vinha-lhe fácil e silenciosamente, sem esforço e sem páthos. É a única coisa que ele ainda não revelou, a única coisa que pertence unicamente a ele. Sua solidão.

Notas

¹ A tradução foi feita a partir do texto original alemão. (1899) In: RILKE, Rainer Maria. *Sämtliche Werke* (5 Bde.). Frankfurt am Main: Insel, 1961, Band 4, p. 587 – 591.